

Entre costuras e fronteiras: experiências de mulheres trabalhadoras bolivianas na moda fast fashion na cidade de São Paulo¹

Alexandra Guida Marinho²
Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

RESUMO

Este projeto tem como objetivo a investigação das experiências de mulheres trabalhadoras bolivianas de confecções da indústria da moda *fast fashion* na cidade de São Paulo. A pesquisa busca analisar como essas mulheres atribuem sentido às suas trajetórias migratórias e condições de trabalho, considerando as interseções entre gênero e migração no contexto da indústria global da moda. Buscamos, ainda, compreender a superexploração laboral e as vulnerabilidades enfrentadas por essas trabalhadoras, dando enfoque para suas formas de resistência e agência frente às discriminações de gênero e étnicas. Para alcançar esses objetivos, o estudo propõe uma metodologia que combina pesquisa bibliográfica e documental com entrevistas semi-dirigidas com as trabalhadoras, visando dar visibilidade às suas vozes e experiências.

PALAVRAS-CHAVE

Circuito global da moda, Fast Fashion, Feminização do trabalho, Etnização do trabalho, Trabalhadoras bolivianas em São Paulo

CORPO DO TEXTO

O presente resumo é derivado do projeto de pesquisa de doutorado em Comunicação e Práticas do Consumo. Iniciamos propondo a contextualização da moda. Uma moda abrange uma história social e cultural das aparências, transcendendo seu significado literal de qualquer tecido que sirva para adorno ou cobertura (OXFORD

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Moda, evento integrante da programação do 28 Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutoranda na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), e-mail: aleguidam@gmail.com

LANGUAGES, s.d.). Compreendemos aqui a roupa como um objeto da moda, cuja lógica oferece uma visão sobre as transformações sociais que ocorreram desde os séculos passados em contextos locais específicos, até hoje, em um mundo de produção e circulação globalizados.

No entanto, se faz importante expor que a autora compreende e emprega a distinção de moda e vestuário, assim como a proposta por Georg Simmel (1904) e Gilles Lipovetsky (1989), quando consideram a moda um fenômeno social muito mais amplo do que o vestuário em si, embora esse (o vestuário), possa ser entendido como o centro de seu interesse. Dessa forma, a roupa deve ser compreendida como uma das muitas facetas da moda e aquela na qual focaremos esta pesquisa.

A globalização foi um fenômeno amplo e interdisciplinar. Para este trabalho, vamos focar nos aspectos econômicos, culturais e de mobilidade que envolvem a indústria da moda. Nos atemos, primeiro, na crescente interconexão e interdependência das economias e culturas em nível global para compreender como os processos de produção e consumo da moda se desenvolveram a partir dessa nova ordem.

Do ponto de vista cultural, entendemos que essa indústria (cultural),

Apropria-se da globalização e elabora uma cultura de massa vinda dos países ricos, distribuída em escala planetária por meio de uma mundialização cultural baseada na troca de mercadorias e produtos culturais como cinema, CDs, telenovelas, moda, culinária, etc. Há dessa forma, um deslocamento do espaço geográfico e cultural, próprio da globalização. (SÊGA, 2006, p. 3).

Essa cultura de massa aproxima hábitos e preferências, criando um “gosto mundial” que esvazia a identidade nacional de produtos. A roupa, por exemplo, se transforma em um emblema de cultura global na qual “mudanças e diferenças se formam e desestruturam com uma frequência muito maior do que em séculos e até mesmo décadas anteriores, decorrentes do processo de globalização e da proliferação e sofisticação das redes comunicacionais” (ALBIERI e TONIOL, 2020, p. 86).

Mais do que qualquer coisa, a globalização contribuiu para a velocidade nunca antes vista de difusão da moda - desde a criação de tendências, até a produção das peças de roupa e sua comercialização. Outro ponto importante é a desterritorialização da cadeia têxtil que faz com que a organização da moda passe a ter uma operação global que, muitas vezes, explora a mão de obra e a biodiversidade de países do Sul Global com objetivo de baratear custos de produção e aumentar lucros.

Se no século XIX começaram a surgir as imitações de designs de Alta Costura, no período da globalização, essas produções - não mais, necessariamente cópias, mas ainda bebendo daquela fonte - são institucionalizadas e ganham um nível de profissionalismo indiscutível e irreversível.

Sob essa nova demanda e cenário, nasce o modelo de negócios que ficou conhecido como *fast fashion*, caracterizado por uma produção e distribuição de itens de moda em um tempo extremamente curto. Esse sistema trabalha com uma quantidade planejada e limitada de produtos para evitar a perda de vendas, já que aposta em uma produção de larga escala para a distribuição fragmentada em diversas lojas de mesma rede ao redor do mundo. “O consumo é a engrenagem do fast-fashion e, para despertar o desejo de compra do consumidor, os produtos disponíveis nos pontos de varejo são renovados constantemente” (TONIOL e ALBIERI, 2020, p. 13).

O modelo de produção criado pelas *fast fashion* não tem como objetivo a qualidade e durabilidade das peças ofertadas. Como o próprio nome sugere, a rapidez e a constância da oferta de novos itens se sobrepõe a qualquer outra demanda. Para tanto, essas grandes redes varejistas possuem uma cadeia produtiva têxtil complexa que busca soluções de produção de baixo custo para viabilizar os preços competitivos de suas mercadorias. No entanto, esse modelo de negócios tem impacto direto em aspectos sociais e ambientais nos países envolvidos.

Expedientes como a precarização, subcontratação, terceirização são instrumentos das empresas para lidar com a sazonalidade e volatilidade do mercado e aumentar a lucratividade através da diminuição de custos com força de trabalho. Além disso, a necessidade de diversificação dos produtos (uma das principais características do fast fashion) impõe uma flexibilidade na produção que muitas vezes só pode ser alcançada a preços competitivos através desses recursos. (CONTINO, 2016, p. 33).

É comum vermos casos de condições impróprias e indignas de trabalho na indústria têxtil não apenas no Brasil, mas também em outros países do Sul Global. O caso de Bangladesh, em 2013, onde o prédio Rana Plaza, que abrigava confecções de grandes marcas como H&M, Walmart e Gap desabou, deixando mais de mil funcionários mortos, foi emblemático e pôs luz às condições precárias de trabalhadores têxteis. Pouco antes, em 2011, a moda brasileira via sua própria crise com o caso Zara, que deu visibilidade para oficinas clandestinas, assim como o aumento de casos de trabalhos análogos à escravidão em zonas urbanas.

Outra rede varejista de *fast fashion* que foi flagrada e responsabilizada por colocar trabalhadores em situação análoga à escravidão foi a brasileira Renner. Em 2014, 37 costureiros bolivianos foram resgatados de uma confecção clandestina na periferia de São Paulo.

Os trabalhadores viviam sob condições degradantes em alojamentos, cumpriam jornadas exaustivas e parte deles estava submetida à servidão por dívidas. Tais condições constam no artigo 149 do Código Penal Brasileiro como suficientes – mesmo que isoladas – para se configurar o crime de utilização de trabalho escravo (OJEDA, 2014, s.p).

Outros tantos casos, talvez menos emblemáticos, poderiam ser citados, mas nos atemos a esses três como forma de exemplificação. Uma semelhança entre os casos brasileiros chama a atenção: em ambos, os trabalhadores explorados eram imigrantes e, mais especificamente, bolivianos. Assim, em vista desta peculiaridade, passemos então para o tema da superexploração de sujeitos migrantes - e ademais faremos um recorte de gênero focando especificamente nas mulheres migrantes - na indústria têxtil brasileira.

Superexploração de imigrantes na indústria têxtil de São Paulo

Escolhemos São Paulo como local do estudo porque é nesta cidade que se encontra a maior concentração de empresas de vestuário em território brasileiro. Além disso, é na capital paulista que encontramos a maior variedade de tipos de empresas que se diferenciam, principalmente, em porte - concentrando principalmente micro e pequenas empresas - e profissionalismo.

Como vimos anteriormente, o desenvolvimento das grandes marcas de *fast fashion* pressiona para uma operação têxtil cada vez mais precária que acarreta maiores níveis de subcontratação e informalidade e mais dificuldade de fiscalização e controle do processo produtivo por conta de terceirizações e quarteirizações (Relatório Mulheres na Confecção, 2022, p. 31). Essas características tornam ainda mais propícia a entrada de imigrantes como força de trabalho nas confecções paulistanas.

Diferentes grupos de imigrantes foram determinantes para formação e consolidação da indústria têxtil de São Paulo, principalmente nas regiões centrais da cidade, como os bairros Brás e Bom Retiro. Inicialmente, a partir de 1930, foram relegados pelos árabes (sírios e libaneses), na década de 1960 pelos judeus, com maior evidência os coreanos no decênio de 1970, assim como a presença dos nordestinos (KONTIC, 2007) e o surgimento da força de trabalho sul-americana, sobretudo boliviana, da qual tornou-se gradativamente expressiva a partir de 1980 (AZEVEDO; CACCIAMALI, 2005; FREITAS, 2011; FREIRE DA SILVA, 2008; VILLEN, 2015).

O perfil da imigração boliviana para São Paulo passou por mudanças em meados dos anos 1990. Se antes o perfil dos imigrantes era constituído majoritariamente por estudantes e profissionais liberais, a partir dessa década, os fluxos passaram a ser compostos principalmente por jovens de baixas qualificações profissionais que se inseriram, entre outros setores, nas pequenas oficinas têxteis de São Paulo. Em convergência com o que pode ser entendido como uma tendência mundial - ou, pelo menos, no campo dos estudos sobre migração - é na década de 1990, também, que se consolida a presença feminina da comunidade boliviana nas confecções de São Paulo.

Quanto ao perfil da mão de obra, percebe-se que as mulheres são maioria no setor, ocupando 72% do total de empregos formais, concentrados principalmente nos estados de São Paulo (81.294 trabalhadoras) e de Santa Catarina (71.734 trabalhadoras). Considerando o trabalho informal, esse número certamente é maior na cadeia como um todo, segundo especialistas (RELATÓRIO MULHERES NA CONFECÇÃO, 2022, p. 33).

Segundo Almeida (2013), a adoção da força de trabalho feminina e imigrante, cuja remuneração é consideravelmente mais baixa, seria uma das estratégias de barateamento da produção têxtil, um dos objetivos principais das marcas *fast fashion*. “Daí decorreriam os processos de formação das oficinas de costura e o emprego de migrantes bolivianos, bem como o aumento do número de mulheres” (RIBEIRO, 2022).

Estudos que focam na feminização - ou generização - das migrações, apontam para a maior vulnerabilidade feminina nas experiências migratórias tanto durante o fluxo quanto após a chegada no local de destino. Nesse contexto, para Magliano (2017), mesmo que a precarização laboral esteja virando uma realidade também para os homens, ela ainda é um campo majoritariamente feminino e, especialmente, de mulheres não-brancas. “As trajetórias de mulheres migrantes estão articuladas com processos estruturais globais que passam, assim, pela racialização e feminização dos mercados de trabalho precários, considerando especialmente as sociedades de destino” (RIBEIRO, 2022).

Dessa maneira, podemos considerar que as trabalhadoras bolivianas das confecções de São Paulo se encontram em risco de vulnerabilidade pela somatória de uma série de fatores e características: (a) ser mulher em uma sociedade patriarcal e machista; (b) ser mulher imigrante; (c) estar inserida em uma profissão com histórico de exploração e situações análogas à escravidão. Ou seja, a precarização do trabalho e a vulnerabilização das migrantes sustentam a hipótese de que imigrantes bolivianas

inseridas nas confecções de São Paulo podem correr risco de vivenciar situações de maior vulnerabilidade social.

O objetivo geral da pesquisa é analisar os sentidos atribuídos pelas mulheres trabalhadoras bolivianas em São Paulo às suas experiências no circuito de produção, circulação e consumo da moda fast fashion, considerando as relações entre gênero e migração no mundo do trabalho da indústria global da moda. Para o embasamento teórico desta pesquisa, proponho as conceituações e a convergência das teorias acerca da moda e do consumo e da feminização das migrações com foco na superexploração laboral no contexto da migração boliviana para São Paulo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Táli. **As imigrantes sul-americanas em São Paulo: o trabalho feminino na construção de trajetórias transnacionais**. 2013. 128 p. Dissertação (Mestrado em Ciência para Análise da Integração da América Latina) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AZEVEDO, A.; CACCIAMALI, M. C. **A inserção dos imigrantes bolivianos no mercado de trabalho em São Paulo**. São Paulo: Editora FEA-USP, 2005.

CONTINO, R. A. **Precarização do trabalho na indústria têxtil**. São Paulo: Editora Atlas, 2016.

FREITAS, F. **Trabalho e migração em São Paulo**. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

FREIRE DA SILVA, A. **A presença boliviana nas confecções de São Paulo**. São Paulo: Editora FGV, 2008.

KONTIC, B. **Imigração e trabalho têxtil em São Paulo**. São Paulo: Editora FGV, 2007.

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAGLIANO, M. **Gênero e migração: trajetórias e experiências**. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1, p. 1-19, 2017.

OJEDA, Igor. **Fiscalização flagra exploração de trabalho escravo na confecção de roupas da Renner**. In: Repórter Brasil. 28 de nov de 2014. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2014/11/fiscalizacao-flagra-exploracao-de-trabalho-escravo-na-confeccao-de-roupas-darenner/>. Acesso em 10 fev 2025.

OXFORD LANGUAGES. *Moda*. In: GOOGLE. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=moda+definição>. Acesso em: 13 fev. 2025.

RIBEIRO, A. A.; BAENINGER, R. **Migração, gênero e trabalho na indústria da moda de São Paulo**. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 39, n. 1, p. 43-62, 2022.

SÊGA, Christina Maria Pedrazza. **A estética na sociedade globalizada e tecnológica**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. São Paulo: Intercom, 2006.

SIMMEL, G. **A moda**. In: **Estudos de Sociologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1904.

TONIOL, R. C.; ALBIERI, L. A. **O novo papel da moda no século XXI**. In: TONIOL, R. C. (Org.). **Moda e Globalização**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

UNOPS, Relatório Mulheres na Confecção: Estudo sobre gênero e condições de trabalho na Indústria da Moda, 2022. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/09/2022-09-relatorio-mulheres-confeccao.pdf> > Acesso em 9 de jan de 2025.

VILLEN, P. **Imigração na modernização dependente: “braços civilizatórios” e a atual configuração polarizada**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.